



Muito mais que uma década perdida

Síntese: *O Brasil está saindo da mais prolongada e uma de suas mais profundas crises econômicas. Os efeitos da recessão produzida pelo PT, contudo, ainda se farão sentir por muito mais tempo. O PIB nacional está hoje no mesmo nível em que estava em 2011 e só irá se recompor da retração em 2020. A situação de determinados componentes da economia é bem pior: indústria e investimentos, por exemplo, ainda podem levar mais de uma década para se reerguer, segundo modelo estatístico projetado pelo ITV. A recuperação será tão mais árdua e lenta quanto mais o país demorar a reformar a economia, reorganizar o Estado e abrir maior espaço para investimentos privados.*

A recessão brasileira parece finalmente ter terminado. Com a economia do país tragada para um dos vales mais profundos de sua história, o caminho da retomada será árduo e, provavelmente, bastante longo. Foram três anos submergindo, mas serão necessários muitos mais para que o nosso PIB retorne a níveis anteriores aos da crise econômica. No caso de alguns componentes das contas nacionais, isto é, alguns setores da atividade econômica, terá sido perdida muito mais que uma década.

A economia brasileira encolheu 8,2% entre o segundo trimestre de 2014 e o quarto trimestre de 2016, período que perdurou a recessão, de acordo com o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos da Fundação Getúlio Vargas. Foi a segunda maior queda medida no país com base na série estatística disponibilizada pelo IBGE e a mais extensa retração sofrida pelo PIB nacional: 11 trimestres consecutivos de baixa, em condição de empate apenas com a recessão anotada entre 1989 e 1992, durante o governo de Fernando Collor de Mello.

O PIB brasileiro encontra-se hoje no mesmo nível em que estava no primeiro semestre de 2011. Ou seja, são mais de seis anos jogados fora em termos de crescimento econômico. A recessão subtraiu R\$ 85 bilhões da soma de riquezas produzidas no país quando se comparam os produtos reais de 2014 e 2016. Quando se consideram os quatro trimestres mais recentes (até setembro último) e os quatro imediatamente anteriores ao início da recessão em 2014, o PIB destruído alcança R\$ 83,9 bilhões.

A crise afetou os componentes da economia brasileira de maneiras distintas. Alguns setores sofreram mais com a recessão, como são os casos da indústria, em especial a de transformação, e dos investimentos. Em ambos, o mergulho já havia começado antes: em meados de 2008 e de fins de 2013, respectivamente. Outros segmentos ainda resistiram um pouco mais à queda geral da atividade, como o consumo das famílias e os serviços, que só passaram a decrescer a partir do fim de 2014. E há também aqueles que já se recuperaram da retração petista, como a agropecuária.

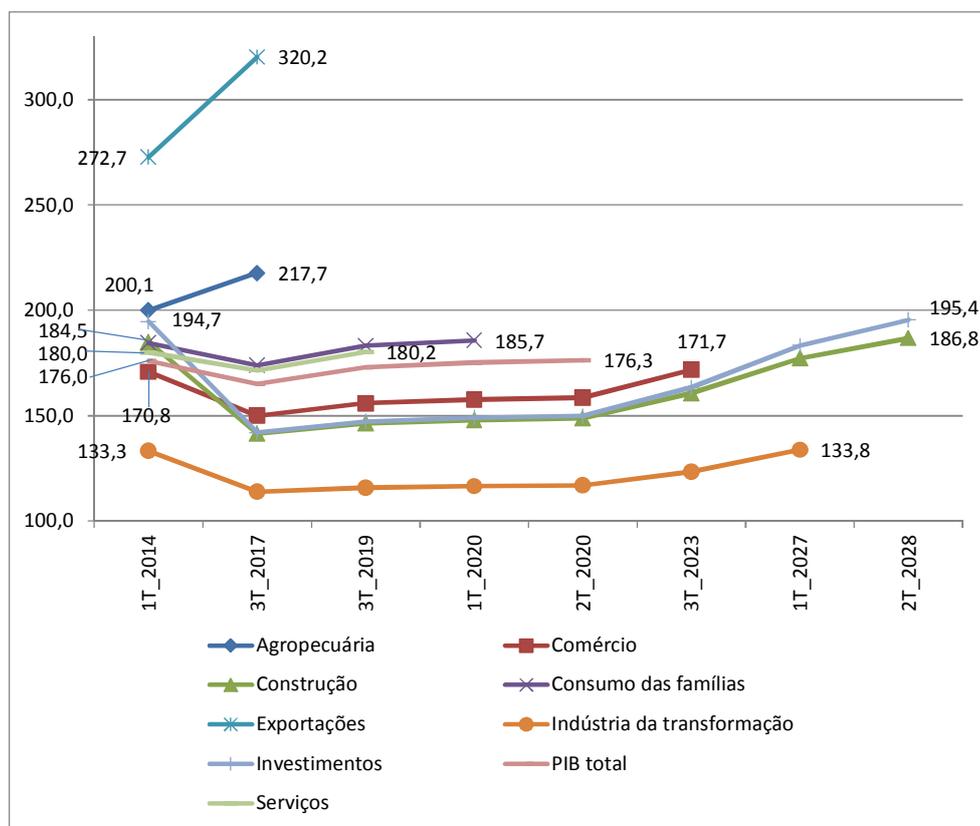
A fundura do poço

A questão que se coloca agora é: de quanto tempo o país irá precisar para recompor o PIB dilapidado pela recessão produzida pelas políticas econômicas postas em marcha pelos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, principalmente as iniciativas tomadas a partir de 2010?

Alguns exercícios estatísticos permitem concluir que as gestões do PT legaram aos brasileiros algo bem pior que a chamada “década perdida” compreendida entre o fim da ditadura militar e os anos iniciais da redemocratização. Além de reunir intensidade e duração recordes, a recessão petista pode demorar muito mais tempo para ser remediada e superada. Até porque, na avaliação da FGV, “a recuperação tem se mostrado até aqui lenta em comparação com o padrão observado nas saídas de recessões anteriores”.

Para tentar antever como será o desempenho da economia brasileira nos próximos trimestres e estimar quanto tempo ainda será necessário para a recuperação do PIB nacional, projetamos, por meio de modelos estatísticos, cenários com base no padrão real do comportamento das contas nacionais e seus componentes verificado ao longo dos últimos 21 anos, ou seja, desde o início da série histórica do IBGE para as contas nacionais, em 1996.

Desempenho por componente do PIB (cenário otimista)



Fontes: IBGE/Contas Nacionais para 1º trimestre de 2014 e 3º trimestre de 2017; elaboração própria para projeções futuras, com base em IBGE/Contas Nacionais e Boletim Focus/Banco Central do Brasil.

Foi utilizado o método de regressão estatística. Funciona assim: o desempenho de cada setor econômico foi comparado ao do PIB global ao longo do intervalo entre o primeiro trimestre de 1996 e o terceiro trimestre deste ano. Deste cotejo, identifica-se uma correlação, ou seja, um padrão de variação que associa o resultado de cada componente ao comportamento geral da economia, descrita por equações lineares do tipo $y = ax + \beta$, em que x é o crescimento do PIB no trimestre, y é o crescimento de um componente no mesmo trimestre, a e β são constantes estimadas para cada componente. Para projetar o desempenho futuro, usa-se como premissa que a correlação entre os fatores efetivamente verificada nos últimos 21 anos se manterá constante doravante.

Um segundo aspecto diz respeito a qual será o comportamento do PIB brasileiro neste e nos próximos anos. As projeções mais longas hoje disponíveis são as que constam do Boletim Focus, compilado semanalmente pelo Banco Central. Atualmente, as previsões predominantes são de crescimento em torno de 0,9%

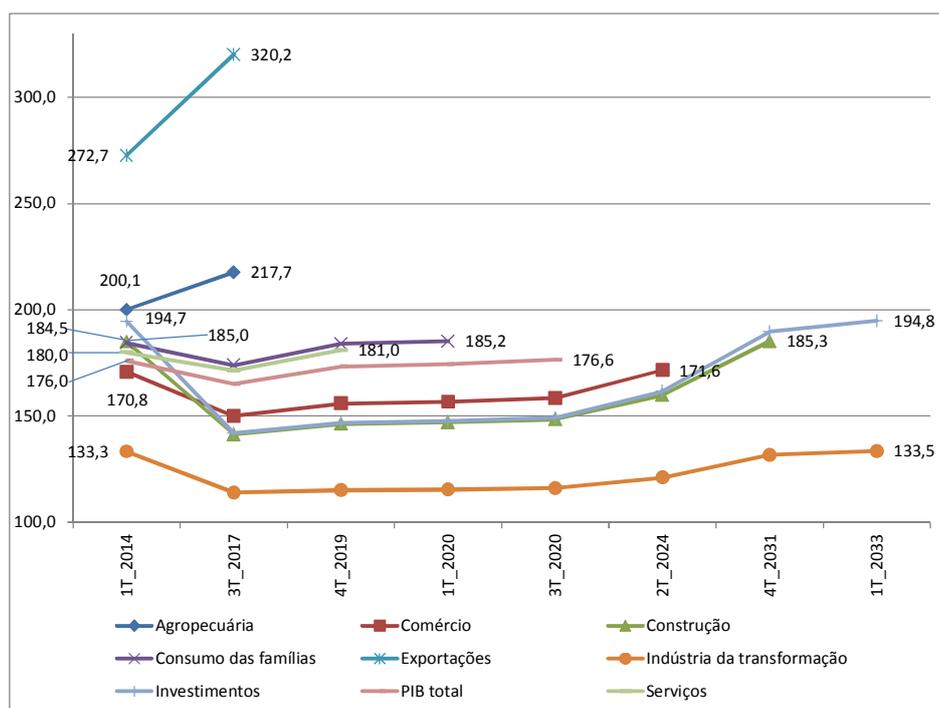
neste ano, 2,6% em 2018, 2,7% em 2019 e 2,5% ao ano entre 2020 e 2021. Para expandir o horizonte, consideramos que, na ausência de reformas mais robustas, de mudanças na estrutura de gastos do governo e nos padrões de investimentos, o percentual de crescimento médio de 2,5% ao ano se perpetue por longo prazo, de 2022 em diante. Chamamos este cenário de “pessimista”.

Num segundo horizonte, mais benigno, a economia brasileira crescerá mais a partir de 2022. A realização de reformas, a adoção de práticas de gestão responsáveis e um ambiente mais propício a privatizações e concessões, com maior abertura externa, permitiria elevar a expansão do PIB nacional a 3% ao ano entre 2022 e 2026 e a 4% anuais daí em diante. Este é o cenário “otimista”, no qual a alta de 2017 também seria levemente maior, de 1%. Os diferentes ritmos de crescimento do produto interno, claro, impactam de forma distinta a velocidade da recuperação econômica e, conseqüentemente, os comportamentos de cada componente do PIB brasileiro.

Recuperação só em longo prazo

Com a economia brasileira registrando neste e nos próximos quatro anos o ritmo de expansão captado pelo Focus (0,9% em 2017, 2,6% em 2018, 2,7% em 2019 e 2,5% em 2020 e 2021), apenas no terceiro trimestre de 2020 o PIB geral do país alcançará o nível em que estava no primeiro trimestre de 2014, ou seja, no começo da recessão – e que coincide com sua máxima histórica.

Desempenho por componente do PIB (cenário pessimista)



Fontes: IBGE/Contas Nacionais para 1º trimestre de 2014 e 3º trimestre de 2017; elaboração própria para projeções futuras, com base em IBGE/Contas Nacionais e Boletim Focus/Banco Central do Brasil.

Situações bem piores viverão alguns setores da economia nacional. A indústria da transformação será a que mais demorará a se reerguer. No cenário pessimista, sempre considerando que a correlação entre o PIB geral e seus componentes verificada desde 1996 se mantenha nos próximos anos, a recuperação só aconteceria em 2033 e a máxima histórica – que deu-se em 2008 – só seria superada em 2036. Mesmo no horizonte considerado “otimista”, apenas em 2027 a produção industrial medida pelo IBGE retornará ao nível em que estavam no início da atual recessão e a seu pico histórico em 2028 – hoje o setor encontra-se quase 18% abaixo dele.

As perspectivas para a chamada “formação bruta de capital fixo” (FBCF), isto é, os investimentos em máquinas, construções e equipamentos, também não são muito melhores. No cenário pessimista, de estagnação prolongada, ela também só retornaria ao nível pré-recessivo em 2033. Se o crescimento do PIB geral se acelerar a partir de 2022 e subir novamente de patamar de 2027 em diante, ou seja, na hipótese “otimista”, as perdas da FBCF estariam recuperadas um pouco mais cedo: no decorrer de 2028. Vale lembrar que os investimentos estão atualmente em patamar 28,3% menor do que o de sua máxima histórica, alcançada em meados de 2013.

No caso do comércio, a recuperação do terreno perdido para a recessão aconteceria em 2024 no cenário pessimista ou em 2023 no otimista. Já os serviços devem demorar até o terceiro ou quarto trimestre de 2019 – a depender do cenário – para retornar ao patamar em que estavam no primeiro trimestre de 2014, no início da retração petista.

Reformar para acelerar o crescimento

Na outra ponta, estão segmentos da economia que já deram adeus à crise. O primeiro e mais relevante deles é a agropecuária. O setor opera hoje em sua máxima histórica, num nível 8,8% acima de onde estava quando o país mergulhou na recessão. Condição similar vive a indústria extrativa, puxada pelo crescimento da extração de petróleo, gás natural e minérios ferrosos, com produção 13,2% maior do que no início da retração econômica recente, no primeiro trimestre de 2014. Também já saíram do buraco da crise as exportações (+17,4%), o setor da indústria de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (+2,7%), as atividades imobiliárias (+1,5%) e a administração pública (+0,7%).

As projeções evidenciam o tamanho do estrago produzido pelas políticas econômicas petistas. Serão muitos anos até recuperar o produto interno dizimado. Serão várias gerações afetadas por escolhas ineptas, irresponsáveis e perdulárias – além de corruptas. Mais que isso, os resultados estatísticos também reforçam a necessidade de o país alterar de maneira profunda a sua estrutura produtiva para recolocar sua economia de volta ao rumo do crescimento em velocidade mais intensa. O desafio não é pequeno nem trivial. A atividade econômica brasileira já está avariada há muito mais tempo do que os três anos que caracterizaram a recessão petista, o que só ressalta o tamanho dos desafios.

No cerne das maiores ou menores chances de retomada estão as reformas estruturais, sem as quais o futuro do Brasil será nebuloso, para dizer o mínimo, e a recuperação muito mais lenta. Aguarda o próximo presidente da República, a ser eleito daqui a um ano, a missão de desmontar o Estado gigante que os governos do PT deixaram de herança, recolocar a responsabilidade no trato dos recursos públicos na ordem do dia e oxigenar o ambiente de negócios no país para que o capital que hoje sobra no mundo venha para cá produzir riqueza, gerar emprego, renda e acelerar o crescimento da economia. E, sobretudo, para que a experiência nefasta da mais grave retração da nossa história, a recessão petista, seja conhecida, e nunca mais repetida.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.